

SOBRE A ARTE DO EU ENQUANTO OUTRO E DIFERENTE: uma análise sobre a permissividade e a (o)posição do expatriado no salão

ABOUT THE "I" ART AS ANOTHER AND DIFFERENT: an analysis about the expatriate permissiveness an (op)position in the art hall

Jacques Haruo Fukushigue Jan-Chiba

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Discente de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração pela Universidade Estadual de Londrina.

jacques_haruo@hotmail.com

Rafael Borim-de-Souza

Universidade Estadual de Londrina

Professor Universidade Estadual de Londrina

borim@uel.br

Letícia Luriko Tadeo

Universidade Estadual de Londrina

Professora Universidade Estadual de Londrina

leticialuriko@hotmail.com

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar, por meio das narrativas obtidas, a liberdade, a criatividade e o espaço de atuação permitidos ao expatriado em seu contexto de atuação, a partir de um exercício metafórico com o campo artístico bourdieusiano. Para isto, foram realizadas entrevistas de roteiro semiestruturado com expatriados que trabalham em uma empresa internacionalizada, onde a técnica de seleção utilizada foi a do *snowball*, resultando em uma cadeia de seis entrevistados. As narrativas evidenciaram categorias de análise que se referem ao processo de expatriação em si, a relação entre matriz e filial, e a presença da criatividade, da liberdade e do espaço de atuação em aspectos da organização e das experiências vividas enquanto expatriado. Em destaque, a liberdade que lhes parece ser concedido a partir das regras da matriz é ilusória. O processo criativo se aparenta libertário, mas que, no entanto, apenas age em prol da mercantilização da criatividade.

Palavras-Chave: Expatriação. Campo Artístico. Liberdade. Criatividade. Espaço de atuação.

ABSTRACT

The aim of this research was to analyze, by means of the obtained narratives, the freedom, creativity and acting area allowed to the expatriate in his or her acting context, through a metaphorical exercise with the Bourdieusian artistic field. For this, semi-structured interviews were made with expatriate people who work in an internationalized organization. They were selected by the snowball technique, which resulted in a chain of six interviewees. The narratives have shown categories of analysis that are referred to the expatriation process itself, the relation between headquarter and subsidiary, and the presence of creativity, freedom and acting space in organization and living experience aspects as expatriate. It is highlighted that the freedom which seems to be conceded by means of headquarter's rules is illusory. The creative process seems libertarian, but it only behaves in favor of the creativity commodification.

Keywords: Expatriation. Artistic Field. Freedom. Creativity. Acting Space.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa baseia-se em dois eixos principais: o primeiro eixo trata do processo de expatriação de executivos, e o segundo trata sobre o campo artístico do século XIX, trabalhado e analisado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. A interrelação entre esses eixos foi compreendida a partir de um exercício metafórico, resultando na abordagem da expatriação como metáfora do campo artístico.

A compreensão do processo de expatriação acontece por meio de uma análise histórica, cuja origem e implementação são inerentes ao advento das organizações internacionalizadas, que por sua vez é abordada a partir da origem do desenvolvimento econômico do modo de produção capitalista e da globalização. Segundo Freitas (2009), os avanços tecnológicos e as privatizações levaram a um aumento da competição mundial, colocando a sobrevivência das empresas diante do imperativo intercultural.

Paralelamente à expansão globalização, há a necessidade de transferir e de disseminar os preceitos da organização matriz para as suas filiais. Sendo assim, o profissional expatriado se torna essencial para a transferência de informações em forma de conhecimento da matriz para a filial subsidiária e vice-versa, levando em consideração a eficiência dos meios de transmissão e a capacidade de absorção de conhecimento da unidade receptora (GUPTA; GOVINDARAJAN, 2000).

O outro eixo que sustenta esta pesquisa é fundamentado pelo conceito de campo de Bourdieu e sua análise sobre o campo artístico, que discute a fase modernista da pintura francesa, e o movimento das vanguardas de pintores impressionistas. Tal surgimento foi dado, segundo Bourdieu (2012), por meio da revolução simbólica realizada por Édouard Manet, caracterizada pela emergência de um meio artístico que se fez desvinculado dos padrões que decaíam sobre a produção artística da época. Tais padrões eram regidos pela prática dos gostos dos agentes dominantes do campo, ou seja, os membros da Academia (BOURDIEU, 1996).

Bourdieu (1996) considera que os Salões eram os locais onde os artistas tinham a oportunidade de expor suas obras, como uma estrutura que move o campo. No entanto, a admissão ao Salão era regulada tanto por mecanismos de padronização das obras, mesmo que o encaixe nos padrões custasse a abdicação do estilo próprio e da sua identidade. O Salão é, portanto, o cenário onde se observa o poder de permissividade da estrutura, assim como a matriz que visa condicionar suas filiais e subsidiárias à gama de regras impostas, aos métodos de gestão e à sua cultura organizacional, na tentativa de ser reproduzida nas e pelas filiais.

A partir desses pressupostos, foi formulado o seguinte problema de pesquisa: como a liberdade, a criatividade e o espaço de atuação permitidos se manifestam ao expatriado em seu novo contexto de atuação? A relação dos dois eixos centrais da pesquisa é feita a partir da expatriação metaforizada ao campo artístico de Bourdieu, que representa um contexto que retratava as práticas e articulações desempenhadas pelos artistas da época, com o objetivo de expor sua arte no Salão.

De maneira metafórica, esta pesquisa busca investigar a tentativa do expatriado de se fazer liberto e criativo, tendo sua arte admitida no Salão. Para responder ao problema e ao objetivo proposto, a coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, e técnica de amostragem *snowball*, em uma organização internacionalizada localizada na cidade de Cambé-PR. A estrutura de apresentação desta pesquisa é composta pela compreensão da expatriação e do campo artístico, em sequência o entendimento sobre liberdade, criatividade e espaço de atuação, e por fim, apresenta-se a expatriação como metáfora do campo artístico. Após a análise dos dados, as reflexões e considerações finais também são apresentadas.

2 EXPATRIAÇÃO

Esta seção tem por objetivo discorrer sobre a expatriação de profissionais, apresentando o contexto e os fatores que contribuíram para o surgimento de tal prática nas organizações. O processo de desenvolvimento econômico capitalista suscitou, juntamente com as aberturas de mercado e as economias de terceiro mundo, um verdadeiro rearranjo do sistema. Os avanços tecnológicos e as privatizações da década de 90 levaram a um aumento do nível de competição mundial, colocando a sobrevivência das organizações dependente de um imperativo intercultural proveniente do processo de globalização (FREITAS, 2008, 2009).

Uma vez estabelecida a necessidade de ter contato com outros países, a matriz da organização decide considerar a expatriação como uma estratégia de transferência de conhecimento e desenvolvimento de projetos em âmbito internacional (FLEURY; FLEURY, 2007; SEBEN, 2009). A expatriação é a transferência de funcionários nacionais de países sede ou subsidiária, que trabalham para uma organização multinacional e que, por um período de tempo previamente planejado, o indivíduo escolhido a ser expatriado muda geograficamente de lugar a fim de interagir com diferenças em relação à sua cultura, profissão, cargo e saberes (DE CIERI; COX; FENWICK, 2007; FREITAS, 2009). Para Freitas (2009) o processo de expatriação corrobora para o aumento do auto-conhecimento, pois reduz a intolerância cultural e gera humanidade.

A expatriação representa um novo contexto em que os profissionais se encontram em novos jogos de interesses sensíveis ao mercado, havendo assim a carência por ações estratégicas e renegociações em prol de objetivos específicos. Para que a expatriação justifique seu processo em uma visão mercadológica, é necessário que o “executivo global” (referindo-se ao expatriado) tenha em vista as necessidades da matriz a serem atendidas em

defesa da posição de mercado da organização em âmbito global (JOHANSON; WINDERSHEIM-PAUL, 1975).

O processo de expatriação possui alguns aspectos inerentes que fazem parte da aculturação ou ajustamento cultural, que é o processo de interpretação e de adaptação do indivíduo de determinada cultura a outra, em nível psicológico e relacionado a crenças, valores e comportamentos (BERRY, 2004; TUNG, 1998). A aculturação do expatriado envolve uma parte importante dos estudos sobre tal processo presente nas organizações, uma vez que existem fatores individuais, profissionais, culturais, de socialização e outros fatores não relacionados a profissão que impactam diretamente em características psicológicas e psicossociais do profissional expatriado. Alguns deles estão relacionados a dificuldade de ajustamento familiar ao novo ambiente físico e cultural e a imaturidade emocional do profissional (BLACK; MENDENHALL; ODDOU, 1991; TUNG, 1987).

Outros temas também são abordados em relação a repatriação do indivíduo que sofreu a expatriação, em que, como parte do processo, por vezes esses indivíduos sofrem com determinado conflito de identidade, tanto cultural como individual, sobre as quais são denominadas também como *self-shock*, o que implica no indivíduo um encontro com um “outro” culturalmente diferente, que age diferente dos seus valores e princípios originais (BAUMEISTER; SHAPIRO; TICE, 1985; TUNG, 1998). Em sequência, o campo artístico bourdieusiano é discutido e suas principais características são apresentadas.

3 O CAMPO ARTÍSTICO BOURDIEUSIANO

O campo artístico é um espaço social “micro”, com demarcações políticas, opções artísticas, posicionamentos discursivos e capitais de relevância. Este espaço constitui uma forma estruturada socialmente, com forças que lutam para a manutenção ou transformação de seus respectivos processos de dominação (BOURDIEU, 1997). O campo, para Bourdieu (1997, 2004b), é um espaço microcômico inserido em um espaço social macrocômico, que representa um universo intermediário relativamente autônomo entre o texto e o contexto. Como se uma pintura (o texto – a subjetivação objetivada) devesse ser compreendida para além de seu fim econômico para o mercado de bens artísticos, mas que fosse também entendida pela lógica ou intenção pelo qual fez determinado artista pintar a obra de arte (o contexto – a história, o sentimento, o código no esconderijo da arte representada na pintura). A função desse universo intermediário está em estabelecer relações entre fenômenos sociais

que em uma visão geral e consideravelmente ampla não se relacionam, como uma obra musical (texto) com algum acontecimento histórico relevante (contexto) (BOURDIEU, 2004b; JAN-CHIBA; TADEO; BORIM-DE-SOUZA, 2017).

A compreensão de que este determinado campo funciona de acordo com a lógica de um conteúdo específico objetivado implica na referência direta entre a relação do grau de importância econômico e do grau de importância cultural aos agentes do campo. A economia que se faz presente no campo artístico, para Bourdieu (1996, 2015) representa uma forma de economia às avessas, ou seja, um mercado de “bens que não se faz comércio”, que denega em si a importância econômica.

No interior do campo artístico, em seu aspecto social estão os artistas, os críticos, o Estado, os burgueses, os academicistas, e entre outros que lidam de forma direta ou indireta sobre a arte (Bourdieu 1996). Este campo também possui lutas em seu interior, que se instituem a partir do momento em que determinado grupo de agentes dominados pratica o “jogo” do campo para se conquistar o poder de dominação deste campo. A arte foi analisada no campo artístico frente à um produto das tensões do campo, na forma de uma revolução simbólica, em uma referência direta a Édouard Manet (1832-1883) e o movimento impressionista (BOURDIEU, 1996, 2012).

Foi, para Bourdieu, uma revolução, pois Manet não pretendeu afirmar a arte dominante de sua época (o Realismo), o que abalou as estruturas do campo artístico ao demonstrar traços mais parecidos como um “esboço”, uma arte inacabada, contraditória ao olhar acadêmico dos ateliês realistas de sua época (BOURDIEU, 1996, 2012). Nomeia-se como simbólica pelo fato da presença de um poder invisível e capaz de fazer ver e fazer crer, e de adquirir tudo aquilo que seria possível por meio do uso da força formal sem usá-la (BOURDIEU, 2012). A revolução simbólica foi, assim, a construção de uma estrutura estruturante que buscou questionar a objetividade de um mundo social, por meio da subjetividade objetivada por meio dos bens artísticos.

Esta revolução simbólica operada pelo Impressionismo ganhou vida, uma vez que neste campo o referido movimento pretendeu (de maneira simbólica) combater uma *doxa*, isto é, um significado compartilhado e inquestionável, dotada de um poder estruturante capaz de estabelecer regras e por moldar as práticas dos agentes que estão no jogo pela dominação do campo. A *doxa* pode ser afirmada, consagrada e sustentada pela ortodoxia (o que ocorre, normalmente, a partir de agentes que dominam o campo), ou pode ser questionada, criticada e enfrentada por meio de uma ação aversiva ao caráter dogmático da *doxa*, nomeada

heterodoxia (BOURDIEU, 1996, 2012). Essas práticas dão origem a lógica de um campo, que possui em si a sua *doxa*, afirmada por quem domina e questionada por quem é dominado simbolicamente. Tais práticas contribuem para a formação do campo, que apresentam disposições manifestadas por meio do *habitus*.

Segundo Bourdieu (2004a), o *habitus* pode representar as diferentes maneiras sobre os quais os agentes do campo pretendem estruturar, a partir de uma ação e um sistema de disposições estruturantes – nomeado assim, de *habitus* – o próprio campo o qual estão inseridos. O *habitus* é assim: o próprio sentido do jogo incorporado naturalmente nos agentes, fazendo-os produzir exigências e possibilidades do próprio campo, segundo a lógica do jogo pelo interesse de dominação desse campo, ou seja, a dominação pelo poder de se nomear aquilo que é e o que não é arte, no caso do campo artístico, por exemplo.

O *habitus* do campo artístico se manifesta de diferentes formas, conforme discutido anteriormente: o exercício ortodóxico no campo em relação a definição do que é arte, com o objetivo de autonomizar a regra é representado pelo realismo; e o exercício heterodóxico que produz o processo inverso ao exercício ortodóxico está relacionado às primeiras manifestações do movimento impressionista, os artistas desta segunda vertente buscaram a revolução simbólica, em prol da diferenciação do campo em questão (BOURDIEU, 1996, 2012).

Assim ocorrem as lutas entre ambos os movimentos artísticos. A cada um dessas vertentes ou visões presentes no campo artístico, determina-se limitações que os caracterizam como tais enquanto agentes inseridos no campo artístico em seus determinados fins. Esta caracterização se dá na forma de delimitação das “fronteiras” de cada “região” presente no campo. A região, para Bourdieu, é delimitada a partir do discurso, o que implica em compreender que as caracterizações – ou seja, as fronteiras – são nomeadas e dadas como tais (BOURDIEU, 2012). Para o campo artístico, o princípio da “di-visão” (a dupla perspectiva sobre aquilo que é colocado em jogo, no caso a arte para este campo) se consolida na relação combativa entre os dois movimentos (realismo – dominante, e o impressionismo – dominado), sendo cada um deles, nesse sentido, a representação de uma região, com suas determinadas fronteiras e características delimitadas a partir do discurso.

O discurso sobre determinado assunto para a delimitação das fronteiras da região no interior do campo é estruturado por meio do exercício de uma forma de poder. Esse poder, chamado de poder de nomeação, representa a forma pelo qual o Estado age conforme aquilo que pretende determinar (BOURDIEU, 2012). No caso do campo artístico, o Estado é

responsável por definir e diferenciar o que é arte daquilo que não deve ser considerado arte. O Estado, portanto, é o que detém o poder de autorizar aqueles que são autorizados a autorizar, detentor da *regere sacra* (autoridade para fixar regras), isto é, o poder de exercício da *regere fines* (a delimitação das regras) (BOURDIEU, 2012). O Estado, nesse sentido, para o campo artístico, se fez responsável por influenciar aqueles que se interessavam pelos bens artísticos (a burguesia) a compreenderem e assimilarem a arte conforme os interesses e entendimentos do Estado (BOURDIEU, 1996, 2012).

Outro aspecto importante sobre o campo artístico é que a arte possui determinada delimitação de acesso. Bourdieu (2012) denuncia que o espaço de exposição, ou seja, o Salão, era um espaço que detinha ali suas especificidades capazes de refletirem sobre a forma que a sociologia prática bourdieusiana foi construída. Neste Salão, os críticos e demais agentes envolvidos interessados no campo artístico são acessados (quando possível e autorizado) pelas obras e também acessam a subjetividade das obras segundo a compreensão daquilo que é considerado arte. O Salão nada mais representa do que a reprodução academicista e legitimação da *doxa* dominante do campo artístico, reificada na forma e quantidade em que as obras são expostas para que o público interessado tenha acesso.

Sendo assim, a relevância e os gostos atrelados para a apreciação ou denegação das obras, a leitura aos “códigos” que se fazem presentes no “texto” das obras expostas e o acesso a compreensão desses “códigos” são característicos dos capitais elucidados por Bourdieu. Para que o campo seja dominado, para que os agentes tenham acesso aos “códigos” que representam determinado conhecimento ou cultura, antes estes agentes precisaram movimentar e adquirir os capitais adequados para, desse modo, terem acesso aos códigos do campo que permitem compreender a leitura dos bens artísticos (BOURDIEU, 2015). Toda a movimentação e busca pela acumulação dos capitais relevantes do campo artístico para a compreensão do “jogo” movimentado em seu interior faz do agente, então, parte importante da configuração desse referido “jogo”.

O jogo em si não deve ser visto de forma óbvia, uma vez que a configuração do campo, ao mesmo tempo que constitui-se em relações objetivas e incorporadas de agentes ou de instituições (BOURDIEU, 2004b, 2012), faz produzir estruturas mentais, fruto de uma crença no “jogo”, na forma de um “interesse desinteressado e interesse pelo desinteresse” (BOURDIEU, 2004b, p. 30). A este tipo de interesse é dado o nome de *illusio*, um falso pertencimento ao campo, dotado de um poder simbólico capaz de “traduzir” de determinada maneira, o interesse do agente a se tornar um “jogador” (JAN-CHIBA; TADEO; BORIM-DE-

SOUZA, 2017). A *illusio*, por sua vez, se faz presente em todas as relações estabelecidas no campo, uma vez que os agentes precisam compreender a função de seu interesse pelo campo. No campo artístico a *illusio* pode se manifestar a partir da existência de uma “escola da cópia”, ou seja, de uma instituição reprodutora da *doxa* instaurada no campo, a fim de legitimar e institucionalizar (ações da ortodoxia) a definição e a compreensão sobre o que é a arte no campo artístico (BOURDIEU, 1996, 2012).

Visto os aspectos mais importantes do campo artístico e de características consideravelmente relevantes da teoria da prática social de Bourdieu, para fins de cumprimento da justificação sobre os usos dos eixos teóricos desta pesquisa, dedicou-se também parte para a explicação sobre os conceitos de liberdade, criatividade e espaço de atuação, finalizado por meio de uma relação desses pressupostos teóricos ao campo artístico.

4 LIBERDADE, CRIATIVIDADE E ESPAÇO DE ATUAÇÃO

Esta pesquisa se predispõe a analisar a liberdade, a criatividade e o espaço de atuação permitida ao expatriado em seu novo contexto de atuação. Desta maneira, estes conceitos serão analisados a partir de diversos autores. Parte-se de uma discussão de que a liberdade é passível de ser questionada. Sobre a ilusão da liberdade, Bourdieu (2004a, p. 28) sugere que “[...] é através da ilusão de liberdade em relação às determinações sociais que se dá a liberdade de se exercerem as determinações sociais. [...] A liberdade não é um dado, mas uma conquista, e coletiva”.

Sobre a criatividade, para Ostrower (2007), trata-se de um potencial inerente ao homem, e uma de suas necessidades é a realização deste potencial, e argumenta que dois polos se confrontam no indivíduo: o polo da criatividade, que representa as potencialidades do ser, e o polo da criação, com uma realização das potencialidades, imerso em uma determinada cultura. A criatividade implica uma força crescente; ela se reabastece nos próprios processos por meio dos quais se realiza (OSTROWER, 2007). Além disso, a criatividade vincula dois componentes distintos: a originalidade e a adaptabilidade, podendo ser interpretada ao envolver condições de variação, seleção, preservação e reprodução (SIMONTON, 2002).

Simonton (2002) afirma que psicólogos chegaram a dois componentes distintos que estão vinculados à criatividade. O primeiro diz respeito à originalidade de uma ideia ou produto, pois reproduções de trechos, repetições de teorias ou cópias de pinturas não podem ser consideradas originais, visto que a originalidade deve ser definida em relação a um grupo

sociocultural específico, pois o que pode ser considerado original dentro de uma cultura, pode não ser considerado em outra. O segundo componente concerne o aspecto da adaptabilidade, como na tecnologia onde uma invenção precisa, não apenas ser nova, mas também precisa funcionar, ou na ciência, onde a originalidade deve ser coerente e correta, para ser considerada adaptável.

Bedani (2012) considera o conceito de criatividade organizacional como um processo originário das características de personalidade, conhecimento, habilidades e motivação dos membros da organização. A criatividade organizacional pode ser facilitada ou inibida pelas características do ambiente de trabalho, do qual decorre a geração de ideias julgadas pelos pares como novas, úteis, significativas ou passíveis de operacionalização no contexto organizacional. Martins e Terblanche (2003) discorrem sobre a interferência da cultura na manifestação da criatividade e da inovação organizacional, relacionada com o papel desempenhado pelos valores organizacionais, pois a cultura organizacional afeta a extensão em que as soluções criativas podem ser encorajadas, apoiadas e implementadas pela organização.

Quanto à liberdade de movimentação do homem da organização, Pagès et al. (2006) afirmam que o indivíduo só pode ser livre ao abrigo da organização, aderindo às suas regras e filosofias. A organização é gerida por meio de um sistema coerente, operado por uma lógica comum de assegurar o controle central da organização sobre seus membros, ao mesmo tempo que a autonomia relativa dos trabalhadores se encontra no quadro de seus princípios. A centralização do controle da organização é mantida no nível econômico, político, ideológico e psicológico.

Entende-se que a liberdade existe no plano individual, mas é limitada pelo plano social, ou seja, o contexto, o espaço de atuação do profissional, podendo esta liberdade ser analisada em sua própria esfera organizacional, como uma ilusão relacionada às determinações sociais, alimentadas pela utopia do domínio integral do trabalhador sobre seu próprio trabalho (BOURDIEU, 2001, 2004a). A tradição liberal e a tradição idealista sugerem noções de liberdade distintas, como a de ir e vir na ausência de coerções –, e a ideia de autonomia às regras de orientação da conduta moral (MATTOS, 2012).

O espaço de atuação dos indivíduos, levando em consideração o contexto organizacional, contempla a liberdade como fato gerador da criatividade, ou até mesmo a criatividade possibilitada pela concessão a partir da liberdade – esta, ainda determinada por cerceamentos por conta do aspecto regulatório das organizações, que faz os meios de trabalho

terem as normas e regras aplicadas antecipadamente às práticas como direcionamento. É válido ressaltar que, em termos de uma lógica organizacional, o indivíduo é incitado e conscientizado a produzir e reproduzir conforme a cultura organizacional vigente em nível econômico, político, ideológico e psicológico (PAGÈS et al., 2006; SCHWARTZ, 2010)

A cultura organizacional afeta a extensão em que as soluções criativas podem ser encorajadas, apoiadas e implementadas pela organização. A liberdade do indivíduo, e sua consequente liberdade de movimentação na organização existe apenas a seu abrigo, possibilitada pela aderência às suas regras e filosofia. O espaço de atuação é, nesse sentido, o ambiente que relaciona as condições e normas da organização para a manifestação da criatividade, em um determinado grau de liberdade que possibilita esta ação (MARTINS; TERBLANCHE, 2003; PAGÈS et al., 2006; SCHWARTZ, 2010). Dadas as discussões sobre liberdade, criatividade e espaço de atuação, em seguida é descrito como foi feito o exercício metafórico do campo artístico.

5 EXPATRIAÇÃO: UM EXERCÍCIO METAFÓRICO DO CAMPO ARTÍSTICO

Esta seção foi elaborada com o objetivo de estabelecer uma construção imagética do universo social da organização internacionalizada que engloba relações com os expatriados, por meio do conceito e no exercício da metáfora, a partir do campo artístico bourdieusiano.

Lakoff e Johnson (1980) definem metáfora de acordo com duas linhas: a metáfora linguística – que estrutura os sistemas conceituais a partir da compreensão do mundo e das formas de agir –, materializada verbalmente pelo interlocutor, e a metáfora conceitual, aquela estruturada no pensamento humano, em termos de propriedades interacionais da percepção. A metáfora opera por mapeamento ou correspondência entre domínios da experiência, e é definida como uma forma de processamento que é capaz de elencar em uma única e mesma expressão duas ou mais ideias ou representações diferentes (GOMES, 2015).

Ao analisar a expatriação como prática comum de organizações internacionalizadas, pode-se considerar fortemente o poder da matriz sobre o processo decisório que influencia na estratégia da subsidiária (PRAHALAD; DOZ, 1981). A interpretação volta-se para a matriz, vista como a estrutura que movimenta o contexto da expatriação, cenário no qual as articulações estão contidas e podem ser evidenciadas. Desta forma, ao considerar o Salão, a estrutura que movimenta o campo artístico, na metáfora, a matriz assim o representa.

Para Bourdieu (2004b), os agentes estão inseridos na estrutura, cujas suas posições dependem da movimentação estratégica. Com isso, pode-se identificar os agentes do campo artístico, de acordo com a dinâmica acerca da própria estrutura que os movimenta. No contexto da expatriação, os expatriados são como os agentes artistas do campo artístico, que sofrem o processo de aculturação e agem pela disseminação da cultura da matriz nas filiais. Desta forma, os profissionais que tem o perfil ideal para serem designados à missão da expatriação são aqueles que se submetem mais ao processo de aculturação.

A matriz internacionalizada designa profissionais para transferir conhecimento, desenvolvendo projetos em contextos culturais diferentes (SEBBEN, 2009), adquirindo *know-how* e vantagens competitivas frente às diversidades culturais de mercado (FLEURY; FLEURY, 2007). Entretanto, a atuação da matriz pode não ser bem aceita, levando em conta a cultura e identidade existente no país anfitrião e na filial que se estabeleceu. As lutas no campo da expatriação se dão a partir das forças culturais e identitárias que entram em embate, estimulados pelas imposições não consensuais feitas.

Os profissionais expatriados são compreendidos, portanto, como os novos artistas na tentativa de expor sua arte no Salão, mediante normalizações e o monopólio da nomeação, descrita por Bourdieu (2012) quando menciona sobre o *regere sacra* do Estado. Este exercício metafórico se fez presente no momento da análise das entrevistas realizadas, que é apresentada após a seção seguinte. Os procedimentos metodológicos, a descrição da operacionalização da coleta de dados e a conceituação das categorias de análise compõem a próxima seção.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada é classificada como aplicada, qualitativa, e exploratória tendo em vista conceitos a serem esclarecidos e problemas específicos a serem formulados para estudos posteriores. A estratégia de pesquisa utilizada foi o estudo de caso o qual permite o estudo de um fenômeno no contexto em que ele se manifesta (MINAYO, 2000; RICHARDSON, 2007).

Como unidade de análise, buscou-se por uma organização internacionalizada (cujo nome não foi autorizado a publicar) que transfere profissionais para outros países, uma vez que este tipo de organização representa o contexto discutido anteriormente sobre a expatriação. Por meio do acesso permitido por uma delas, a pesquisa utilizou-se da entrevista

semi-estruturada, cujo roteiro se baseou em perguntas de cunho pessoal, social e ocupacional. A entrevista foi realizada nesta organização com o total de seis entrevistados, sendo uma do sexo feminino e cinco do sexo masculino, com idades entre 29 e 41 anos, escolhidos por meio do método do *snowball*, uma forma de amostragem não probabilística, utilizada em pesquisas sociais sobre as quais os participantes iniciais do estudo indicam outros participantes até que haja repetição dos discursos já obtidos em entrevistas anteriores (BIERNACKI; WALDORF, 1981). A pedido dos entrevistados, para esta pesquisa convencionou-se da utilização de códigos para cada um dos seguintes entrevistados e seus respectivos cargos: E1, função administrativa; E2, coordenação de T.I.; E3, gerência de biotecnologia; E4, direção executiva; E5, diretor financeiro; e E6, função na área comercial.

A análise das entrevistas foi feita por meio da análise do discurso, considerando os fundamentos teóricos anteriormente levantados e discutidos, tendo em vista as categorias e suas respectivas definições para a análise no Quadro 1. Por meio dessa técnica, é possível compreender os efeitos da produção social do sentido, bem como o formato da ideologia é recortado na linguagem informada pelo entrevistado. Considera-se, neste tipo de análise, todo e qualquer elemento linguístico, não tão somente as palavras, mas produções não-verbais que possam advir de uma reação corporal ao transmitir determinada informação oral (CAREGNATO; MUTTI, 2006; RICHARDSON, 2007).

QUADRO 1 – DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

CONCEITO	DEFINIÇÃO	AUTOR(ES)
Expatriação	Prática desempenhada pelas organizações internacionalizadas em membros aptos a se tornarem expatriados. Relacionada à transferência de conhecimento, ao desenvolvimento de projetos, intercâmbio de culturas e outras vantagens competitivas.	Fleury e Fleury (2007); Nunes, Vasconcelos e Jaussaud (2008); Sebben (2009).
Matriz	Estrutura social que exerce o poder sobre o processo decisório que influencia as demais sub-estruturas subsidiárias – denominadas filiais. Possui o papel de designar profissionais para expatriação.	Forsgren (1989, 2002); Prahalad e Doz (1981); Sebben (2009).
Filial	Responsável pela implementação das ações e estratégias da matriz.	Forsgren (1989, 2002).
Liberdade	Valor relacionado a ideia de autonomia sobre regras de orientação da conduta moral.	Bourdieu (2001); Mattos (2012).
Criatividade	Um potencial inerente ao homem, vinculado aos aspectos sinônimos de originalidade e adaptabilidade. Sua interpretação envolve condições de variação, seleção, preservação e reprodução.	Ostrower (2007); Simonton (2002).
Espaço de Atuação	A extensão do apoio, do encorajamento e da implementação de soluções criativas, sob influência da cultura organizacional da empresa.	Schwartz (2010); Martins e Terblanche (2003); Pagès et al. (2006)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em seguida, é apresentada a análise dos dados, tendo em vista alguns trechos das entrevistas realizadas e o destaque de alguns aspectos importantes relacionados aos constructos teóricos discutidos, bem como metaforizadas algumas características possíveis de serem relacionadas ao campo artístico bourdieusiano.

A análise das entrevistas levou em consideração as categorias de análise e de metáfora anteriormente descritos nos procedimentos metodológicos. Esta seção tem o objetivo de apresentar os dados coletados e estabelecer uma relação teórica-empírica por meio de uma análise metafórica fundamentada no campo artístico bourdieusiano.

Sobre os aspectos que permeiam a expatriação discutida nesta pesquisa, entendida como uma prática nas organizações visando estratégias corporativas e vantagem competitiva em um contexto internacionalizado e globalizado (FLEURY; FLEURY, 2007; NUNES; VASCONCELOS; JAUSSAUD, 2008; SEBEN, 2009), ficou evidente algumas dificuldades culturais durante o início do processo dos expatriados, principalmente no que se refere ao idioma. Esta dificuldade se assemelha, no campo artístico bourdieusiano, aos problemas enfrentados pelos artistas ao iniciarem o processo de inserção ao campo, mais especificamente às informações que são codificadas e ocultadas sobre os bens artísticos (BOURDIEU, 1996). As narrativas apresentadas a seguir, de cada um dos entrevistados, todos evidenciam algum aspecto cultural ou linguístico como limitante.

Então, acho que um dos limitantes, o que dificultou, pode ser a questão do idioma. [...] E daí a questão da cultura, sim, é diferente, mas termina se acostumando (E1).
[...] o mais importante é o idioma, [...] muitas pessoas se fecham quando você começa a falar diferente. Tem pessoas que são abertas, que se esforçam para entender, e tem outras que falam “não dá para entender nada” (E2).
[...] a primeira barreira que a gente encontra é a comunicação. [...] E depois, algumas coisas mais culturais, eu não tinha muita dificuldade [...] (E3).
[...] O ponto mais difícil é o idioma. Mesmo para fazer amizades, e isso acontece também dentro da empresa, [...] quando você tenta ter uma conversa mais informal, fica mais difícil (E4).
[...] Apesar de serem países de culturas parecidas, o idioma foi uma barreira inicial no trabalho também (E5).
[...] Tem diferenças culturais, mas não são muito grandes [...]. Tem a questão do idioma, que é similar, que muita gente [...] não me compreende. [...] quando cheguei aqui, não sabia nenhuma palavra em português [...] (E6).

Em alguns momentos, os expatriados foram compreendidos solidariamente, mas em outros momentos, a barreira de comunicação e decodificação caracterizaram, à luz de Bourdieu (2012), o silenciamento das vozes dos expatriados, pelos que possuem e praticam o discurso dominante da matriz em seu próprio idioma.

Apesar do processo de expatriação ter a barreira comunicativa como principal entre os entrevistados, foi evidenciado também que a identidade cultural (conforme a fala da entrevistada E1 e do entrevistado E3 a seguir) foi, ao longo do tempo, sofrendo alterações de adaptação, o que justifica a noção de aculturação. Berry (2004) explica que a aculturação envolve dois ou mais grupos, mas as experiências de contato impactam mais os grupos não dominantes e seus indivíduos, apesar de considerar também as transformações sofridas pelo grupo dos indivíduos dominantes, e os estudos que abordam o processo mútuo de mudanças. As variedades do processo de aculturação pelas quais o expatriado pode passar, classificam a adaptação do indivíduo de acordo com sua relação entre a sociedade anfitriã e sua sociedade de origem, ou seja, entre grupos culturais e seus membros individuais.

[...] quando nós chegamos, eles propuseram um contrato de 1 ano e meio [...]. Aí aconteceu que chegou aquele 1 ano e meio, e certamente falamos “nós vamos continuar”, e daí já fazem uns 4 anos. E a ideia é ficar por mais uns 4 ou 5 anos para frente. Como a empresa é argentina, e nós temos a condição de expatriados, você pensa, “depois de 5 anos já deixa de ser expatriados” que se você for pensar, depois de 5 anos, já deixa de ser expatriado (E1).

[...] então eu me adaptei muito bem à cultura brasileira, eu sou uma pessoa que tem a cabeça bastante aberta com isso, então eu já vou para outro lugar pensando em adquirir essa nova cultura como parte do meu dia a dia, então não tive grandes dificuldades para me adaptar a viver aqui no Brasil (E3).

É possível compreender que o referido processo de aculturação consolida uma relação estrutural com o agente que passa a ser formalmente estruturado, no que se refere a sua identidade cultural. Assim como é o campo artístico para Bourdieu (1996, 2012), uma vez que a dominação do campo é manifestado a partir da dominação dóxica, ou seja, por meio de uma regra inquestionável sobre como agir e pensar dentro do campo, o agente dominado passa então a ser estruturado desta maneira, tal como o processo de aculturação se consolida estruturalmente para a identidade cultural dos expatriados.

Como parte do contexto da expatriação, a relação entre a matriz e filial subsidiária no Brasil se fez presente a partir de uma perspectiva estrutural. Em uma leitura à luz do campo artístico bourdieusiano (BOURDIEU, 2012), é como se a matriz fosse representada pelo Estado, detentor do poder de nomear as regras sobre a arte, e as filiais subsidiárias fossem estruturas dominadas, responsáveis por reproduzir e sustentar toda e qualquer regra estruturada pelo Estado (no caso, pela matriz). Como categoria de análise, a matriz foi definida como a estrutura social dotada do poder decisório de influência das sub-estruturas subsidiárias, ou seja, as filiais, que devem implementar as ações e estratégias advindas da matriz (FORSGREN, 1989, 2002; PRAHALAD; DOZ, 1981; SEBBEN, 2009). A seguir, são

apresentadas as falas dos entrevistados que caracterizam com detalhes como esta relação ocorre, e quais os principais aspectos desta relação.

Acho que a principal diferença tem a ver com a idade da empresa. A idade no sentido dos funcionários como falei, sobre a faixa etária que são mais novos [...]. [...] a força e a motivação que tem é outra. Aqui tem pessoas que querem crescer, que querem se desenvolver [...]. Hoje a empresa está atravessando um processo de globalização, então até mês passado [...], você tinha a administração de lá, na Argentina, e a administração do Brasil, e tinha um responsável em cada país. Hoje tem um responsável de nível global, e um diferente que vai tentar organizar os processos (E1).

A empresa no Brasil é bem mais nova que na Argentina, então tem muita possibilidade de evitar alguns erros que foram feitos na Argentina. Aí você tem um funcionário [na Argentina] que não serve, por 15 – 20 anos, então isso eu falo que não aconteceu aqui (E2).

É evidente que a diferença cultural se fez presente nas falas dos entrevistados E1 e E2, uma vez que a filial brasileira e a sua administração foi caracterizada em diferenças positivas, em relação ao que foi visto no país de origem, no caso na Argentina. Carecia, portanto, na filial argentina, de algumas decisões de cunho pessoal por parte da gestão, o que a filial brasileira conseguiu suprir. Assim como o entrevistado E2 relatou, pelo fato da filial brasileira ser mais nova, erros foram evitados conforme foi sendo visto na Argentina.

É válido ressaltar a relação de poder existente entre a matriz e a filial. Conforme foi relatado a seguir:

Consgo levar para frente um projeto que eu considero importante, tenho meu gestor, tenho meus chefes, um no Brasil e um na Argentina. Tenho que enviar contas para eles, falamos semanalmente, mas tenho autonomia para trabalhar super tranquilamente, hoje tenho limites, posso fazer compras até determinado valor, acima disso tenho que solicitar aprovação, mas é tranquilo (E2).

Se torna evidente, pela fala do entrevistado E2, que a matriz, para fins organizacionais, estabelece um controle principalmente de práticas que lidam com as finanças da organização. Apesar das regras estabelecidas e de todos os processos inerentes a esta forma de controle, o entrevistado admite que ainda existe determinada “autonomia” e que o trabalho, mesmo assim, se torna “tranquilo”. Neste sentido, é possível compreender que senso sobre autonomia profissional foi estruturado conforme os interesses da organização, silenciando qualquer aspecto relativo ao indivíduo. Metaforizando para o campo artístico bourdieusiano, é como se E2 fosse um artista, cuja produção se faz livre. No entanto, sob o olhar Acadêmico do Salão, a referida “autonomia” se limita a agir conforme o *habitus* do realismo, ou seja, do movimento artístico que afirma a ortodoxia do campo artístico (BOURDIEU, 1996, 2012).

Em seguida, foi destacado nas falas dos entrevistados aqueles discursos que evidenciaram alguma presença relacionada às seguintes categorias de análise: à liberdade, à criatividade, ou ao espaço de atuação. A liberdade, como um valor sinônimo de autonomia sobre as regras da conduta moral, possui um significado adjacente ao que foi discutido anteriormente nesta pesquisa: denuncia-se também a liberdade vista como uma ilusão, que é consolidada, como na situação anterior relatada pelo entrevistado E2, por uma “autonomia limitada” aos interesses da organização. A criatividade, por sua vez, está vinculada aos sinônimos de originalidade e criação, aquelas adaptações ao ambiente que providencia a oportunidade do ambiente de produção de práticas ou objetos inovadores. E por fim, o espaço de atuação é visto como um ambiente encorajador e da implementação de soluções criativas, segundo, também, os interesses da cultura organizacional (BOURDIEU, 2001; MARTINS; TERBLANCHE, 2003; MATTOS, 2012; OSTROWER, 2007; PAGÈS et al., 2006; SCHWARTZ, 2010; SIMONTON, 2002). Todos esses constructos são evidenciados na análise das narrativas a seguir.

Agora, depois de 5 anos que estou aqui, eu passei de trabalhar na parte dos sistemas, [...] passei a trabalhar na parte da administração, da contabilidade. Supervisionando o setor contábil, e a partir deste ano, já coordenando a parte de contabilidade fiscal da empresa. [...] para a mulher, é interessante também, a empresa, dar a possibilidade de uma mulher, que é expatriada, que é mãe, de poder coordenar a parte de controladoria ou a parte contábil da empresa. [...]. Isso que eu falo de inovar, de detectar a melhor forma de fazer as coisas, a empresa sempre está aberta as opiniões dos funcionários [...] [As criações ou inovações] são analisado[s] com critérios, então mesmo que seja, mesmo que tenha fundamentos, ela é válida, e é implementada, não tem um limitante (E1).

Após esta fala da entrevistada E1 apresenta características importantes sobre um determinado “reconhecimento” para “uma mulher, que é expatriada, que é mãe, de poder coordenar [...]” (E1). Este reconhecimento faz parte de uma estratégia sobre a qual a referida “mulher” e “mãe” alimenta um senso de liberdade relativamente ilusório. Prova disso é que, logo em seguida, a entrevistada E1 contraria a sua própria fala.

Sempre vai ter um sentido (senso) comum como limitante, mas havendo sempre uma média que esteja dentro do padrão da empresa, não tem um limite, vão ter determinados temas que vão consultar com outras áreas possivelmente, a área fiscal, por outro lado, não vou tomar uma decisão sem consultar a responsável fiscal, mas daí na medida que seja integrado, que seja com critérios, não tem limitante, é tranquilo, e a empresa é aberta nestas novas, sobretudo na parte da administração (E1).

Ao mesmo tempo que a entrevistada diz que “sempre vai ter um sentido comum como limitante”, também diz que “não tem limitante”. Esta dualidade evidencia ou uma

dificuldade ainda oral referente a língua sobre a qual está se adaptando, ou que realmente não há uma noção concreta sobre a liberdade para criação (que sequer a entrevistada deve ter tido a oportunidade de refletir sobre tal noção). Isto também ocorre nas falas dos entrevistados E2, E3 e E6, que, quando questionado sobre as oportunidades de criação dentro da organização, respondem que a empresa possui demasiada abertura para a criação.

A empresa é bem aberta nesse sentido. Temos um programa de inovação, onde colaboradores participam, jogam suas ideias [...]. A empresa incentiva essas coisas, e parte do sucesso que a empresa tem é por conta da inovação e das melhorias que a gente consegue fazer [...] (E2).

A empresa nesse sentido é uma empresa muito aberta, dá muita liberdade para nós trabalharmos, então as ideias de todo mundo são ouvidas e são levadas em consideração. Não é uma estrutura engessada que tem um cara só que atira a ideia e acabou. [...] nós temos um diretório global de pesquisa, temos os gerentes nacionais de pesquisa, e depois temos um setor, que se chama gerenciamento de estratégia, novos negócios, enfim [...]. (E3).

Aqui são muito abertos, na verdade, em relação a propostas, ou se a ideia é boa, nesse sentido, qualquer um pode dar opiniões e falar, e dar ideias (E6).

É possível destacar na fala dos entrevistados que há um espaço de atuação evidentemente encorajador para a implementação de criações (PAGÈS et al., 2006; SCHWARTZ, 2010; MARTINS; TERBLANCHE, 2003). No entanto, ainda há um controle característico da relação entre matriz e filial, conforme foi discutido anteriormente. Este aspecto controlador e avaliador, que representa basicamente um olhar crítico sobre o contexto da criação na organização, é evidenciado conforme as falas seguintes dos entrevistados E2 e E3, ao tratar sobre as limitações em relação a avaliação das inovações na organização.

Na verdade, cada gestor pode avaliar e tem ferramentas para alavancar estes projetos. Então, não tem uma área específica de inovação ou de melhorias. Cada gestor faz sua parte, o projeto inovava, facilitava, que dava um contexto para isto, então estas ideias talvez sejam avaliadas interdisciplinarmente, não somente pelo gestor, mas por uma equipe (E2).

Então tem gente que está continuamente pensando em inovações, em coisas novas, e obviamente nosso diretório de pesquisa é quem avalia finalmente se cada uma das ideias faz sentido, se não, se avançamos, se não avançamos (E3).

Evidencia-se também que há, como delimitador, o interesse econômico sobre as criações no espaço de atuação da organização, conforme as narrativas a seguir.

A questão financeira é uma coisa que levam em conta, mas não é mandatória, não é definitivo, pode ter uma ideia que apresenta um desenvolvimento, alguma coisa que não esteja orçada, um dinheiro a mais que não estava planejado. Se a empresa considera que é viável, que vai para frente, que vai trazer um ganho, a gente não pensa nesse recurso, e vai pra frente (E2).

Os limites? Basicamente é que a proposta seja viável, do ponto de vista financeiro, e operacional, tem que ser uma ideia que sempre traga uma vantagem para a empresa, seja uma vantagem tanto operativa, que permita fazer um processo mais rápido, e sempre que possível uma redução de custo (E3).

Bem, mas é claro que com limites, principalmente financeiros (E5).

Nesse sentido, o ponto de vista sobre custos se apresenta como um aspecto consideravelmente importante para que algum desenvolvimento seja apresentado como uma proposta viável. Deve, portanto, haver vantagem para a empresa, buscando a eficiência (destaque as citações dos termos “redução de custo”, “processo mais rápido”, combinada com o “ganho”, que são compatíveis a busca por eficiência organizacional) e principalmente a satisfação aos interesses “principalmente financeiros” (E5) da organização.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões acerca do conteúdo das narrativas contribuíram para levantar um questionamento relacionando a criatividade com o *habitus* da teoria bourdieusiana. Para Bourdieu (2004a, p. 102), “[...] o *habitus* é princípio de invenção, mas dentro de certos limites”, e sugere a forma como a criatividade atua nos processos de produção e criação do campo artístico, expondo a maneira como a criatividade é permitida. Metaforicamente no contexto da expatriação, e em termos de diferenciação e autonomização do campo, as análises sugerem uma tendência à autonomização, dada pelo cerceamento exercido por aqueles que permitem, sobre os que se sujeitam à estrutura limitadora da organização.

A liberdade existe em meio às articulações constantemente desempenhadas pelos expatriados em seus respectivos cargos, mediante responsabilidades e funções desempenhadas. Entretanto, tal liberdade é muito mais uma noção, ou seja, o que existe na realidade do expatriado, é uma ideia ilusória de liberdade e autonomia, que nada mais é do que uma ferramenta de controle e motivação regulado pela matriz. A criatividade e sua relação com a liberdade se configura no campo como um motor das práticas de cada agente, mas encontra-se mercantilizada e rendida aos limites impostos pela matriz, de acordo com suas próprias determinações, voltadas aos seus próprios interesses.

A construção de um espaço de atuação dentro da empresa – onde, metaforicamente ao campo artístico bourdieusiano, é possível expor sua arte no Salão, ou seja, ser aceito e permitido pela matriz (BOURDIEU, 1996, 2012) – é gradual, incerta, e não se limita a vontade do indivíduo (MARTINS; TERBLANCHE, 2003; PAGÈS et al., 2006). No campo artístico, os artistas se sujeitavam constantemente a nomeações, reconhecimentos e permissões, tal como os expatriados também estão sujeitos a aprovação e legitimação nesta luta metaforizada. A exposição do que é produzido depende de um poder conferido apenas a

quem permite, a quem nomeia, a quem consagra, a quem limita ou encoraja – ou seja, depende da matriz, devido ao seu papel dominante.

Para estudos futuros, esta pesquisa corrobora para inquietações sobre a tentativa de aproximação ou redução da dicotomia existente entre a trajetória humana e a trajetória organizacional. Sugere-se investigações sobre a compreensão deste fenômeno, no que tange aos impactos resultantes do contexto da expatriação, numa abordagem comportamental e subjetiva.

REFERÊNCIAS

BAUMEISTER, R. F.; SHAPIRO J. P.; TICE, D. M. Two kinds of identity crisis. **Journal of Personality**, Malden, v. 53, p. 407-424, 1985.

BEDANI, M. O impacto dos valores organizacionais na percepção de estímulos e barreiras à criatividade no ambiente de trabalho. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 13, n. 3, p.150-176, maio/jun. 2012.

BERRY, J. W. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, S. D.; Paiva, G. J. (orgs.). **Psicologia, e-imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods & Research**, Thousand Oaks, CA, v. 10, n. 2, p. 141-163, nov.1981.

BLACK, J. S.; MENDENHALL, M.; ODDOU, G. Toward a comprehensive model of international adjustment: an integration of multiple theoretical perspectives. **Academy of Management Review**, New York, v. 16, n. 2, p. 291-317, Apr. 1991.

BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

_____. **Sobre a televisão**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

_____. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004b.

_____. **O poder simbólico.** 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **A produção da crença:** contribuição para uma economia dos bens simbólicos. 3. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise do discurso versus análise do conteúdo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006.

DE CIERI, H.; COX, J. W.; FENWICK, M. A review of international human resource management: Integration, interrogation, imitation. **International Journal of Management Reviews**, [S.l.], v. 9, n. 4, p. 281-302, 2007.

FLEURY, A.; FLEURY, M. T. **Estratégias empresariais e formação de competências:** um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira. São Paulo: Atlas, 2007.

FORSGREN, M. **Managing the internationalization process:** the Swedish case. London: Routledge, 1989.

_____. The concept of learning in the Uppsala internationalization process model: a critical review. **International Business Review**, Oxford, v. 11, n. 3, p. 257-277, June 2002.

FREITAS, M. E. de. O imperativo intercultural na vida e na gestão contemporânea. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v.15, n. 45, 2008.

_____. de. A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamôs nômades?. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 16, n. 49, p. 247-264, abr./jun. 2009.

GOMES, L. Mapeamentos metafóricos em artigo esportivo. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 559-580, 2015.

GUPTA, A.; GOVINDARAJAN, V. Knowledge flows within multinational corporations. **Strategic Management Journal**, Chichester, v.21, p. 473-496, abr. 2000.

JAN-CHIBA, J. H. F.; TADEO, L. L.; BORIM-DE-SOUZA, R. A criatividade como um habitus regionalizado no campo artístico bourdieusiano. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 3, p. 478-488, set./dez. 2017.

JOHANSON, J.; WIEDERSHEIM-PAUL, F. The internationalization of the firm: four Swedish cases. **Journal of Management Studies**, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 305-322, 1975.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago, 1980.

MARTINS, E. C.; TERBLANCHE, F. Building organizational culture that stimulates creativity and innovation. **European Journal of Innovation Management**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 64-74, 2003.

MATTOS, A. **Liberdade, um problema do nosso tempo**: os sentidos de liberdade para os jovens no contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

NUNES, L. H.; VASCONCELOS, I. F.; JAUSSAUD, J. **Expatriação de executivos**. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAGÈS, M. et al. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 2006.

PRAHALAD, C.; DOZ, Y. An approach to strategic control in a multinational corporation. **Sloan Management Review**, Cambridge, MA, v. 24, n. 4, p. 5-13, 1981.

RICHARDSON, R. (Org.). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SCHWARTZ, Y. A experiência é formadora?. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 35-48, 2010.

SEBBEN, A. (Org.). **Expatriados.com**: um novo desafio para os RHs interculturais. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2009.

SIMONTON, D. K. **A origem do gênio**: perspectivas darwinianas sobre a criatividade. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TUNG, R. L. Expatriates assignments: enhancing success and minimizing failure. **Academy of Management Executive**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 117-126, 1987.

_____. American expatriates abroad: from neophytes to cosmopolitans. **Journal of World Business**, Greenwich, v. 33, n. 2, p. 125-144, 1998.